

INVENÇÃO E REINVENÇÃO EM ANA MARIA MACHADO: DO REAL AO MARAVILHOSO

RAMOS, Ivana Pinto
Instituto Federal Goiano
ivanapramos@gmail.com

Resumo: Ana Maria Machado, grande escritora da Literatura Brasileira, suas contribuições e obras se destacam na literatura contemporânea. Foi através da literatura infanto juvenil que ela se destacou como escritora. Suas obras infantis, marcadas pelas qualidades estéticas, originalidade e criatividade, abordam temas diversificados da atualidade, redefinindo posições dentro da sociedade, com reflexões sobre o papel da mulher do homem, do negro, da criança, do índio, etc. O presente artigo analisa quatro livros desta escritora: História Meio ao Contrário, Beijos mágicos, A Princesa que Escolhia e Abrindo caminho. Ana Maria Machado através de uma linguagem coloquial, cotidiana, trabalha a intertextualidade; as influências escancaradas na narrativa, fazendo referência direta e indireta a autores e obras literárias, a viagem pelo mundo da leitura e Literatura através de referências aos contos de fadas, a escritores brasileiros, ao fazer literário, rompendo com as narrativas tradicionais direcionadas às crianças. Temas da atualidade se misturam aos clássicos; a mistura do maravilhoso com a realidade, a originalidade da linguagem marcada pela ruptura, as invenções e reinvenções, o potencial artístico desta escritora e suas obras. Diante de um mercado editorial tão grande, dedicado ao público infantil, é preciso saber escolher livros que contemplem o valor estético e literário, para a formação do sujeito criativo e crítico.

Palavras-chave: Ana Maria Machado; intertextualidade; linguagem; reinvenção.

Ana Maria Machado (1942) escritora carioca de grande destaque na literatura brasileira contemporânea. Foi professora, jornalista, dona de livraria, fez programa de rádio e hoje se dedica à literatura. Faz parte da Academia Brasileira de Letras como ocupante da cadeira de número um, reconhecimento que recebeu em 2003 por sua dedicação a literatura, com sua extensa obra infanto juvenil que agrada a todos, as diversas traduções, textos teóricos e romances. Em 2012 assumiu a presidência da academia Brasileira de Letras. São mais de 100 livros publicados no Brasil e diversas traduções em mais de 18 países.

Esta vasta produção resultou em várias premiações nacionais e internacionais, destacam-se: o prêmio internacional Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da

Literatura para crianças e jovens (2000), o prêmio Machado de Assis, o maior prêmio literário do Brasil (2001) e outros prêmios importantes como o Jabuti, João de Barro, Otávio de Faria, União Brasileira de escritores, etc.

Iniciou sua carreira como pintora, chegou a estudar no Museu de Arte Moderna e fazer exposições coletivas e individuais, paralelamente cursava a faculdade de Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, porém após experimentar as duas atividades, optou pelas Letras, mantendo a pintura como passatempo.

A minha a última turma a se aventurar por uma maratona chamada curso de Letras Neolatinas, em que não sei como sobrevivemos a tanto livro e tanto estudo. Lembro de uma certa semana, no segundo ano, onde com poucos dias de diferença entregamos um trabalho sobre O Inferno de Dante, um ensaio sobre Dom Quixote e fizemos uma prova sobre Montaigne. Mas valeu, valeu, valeu! Por tudo que aprendemos e pelo contato com professores inesquecíveis. (MACHADO, 1996, p. 40)

No início da ditadura, mobilizou-se no movimento de resistência, participando de manifestações e reuniões o que a levou a ser presa (1969) juntamente com diversos amigos. Este acontecimento trouxe como consequência o exílio na Europa. Situação que marca diretamente algumas de suas obras. Viajou com seu filho, Rodrigo, ainda pequeno, mas a história não foi assim tão triste, pois, segundo a autora, tinha recebido um convite da Revista Recreio para escrever para crianças. Fizeram parte desta revista, seus amigos Ruth Rocha e Joel Rufino. Deixou quase tudo que tinha, mas iniciou uma longa carreira de dedicação ao público infantil e à literatura.

Trabalhou como professora em Sorbonne, também como jornalista na revista Elle em Paris e na BBC de Londres. Participou de um grupo coordenado por Roland Barthes, que conhecendo o trabalho e esforço da escritora, tornou-se seu orientador em tese de doutorado que trata da obra de Guimarães de Rosa, na área de Linguística e semiologia, intitulado Recado do Nome, publicado em livro em 1976. Em 1972 regressou ao Brasil, trabalhou como jornalista, radio jornalista e escritora, recomeçou sua vida com intensas atividades.

Foi através da Literatura infanto juvenil que Ana Maria Machado se destacou como escritora. Suas obras infantis, marcadas pelas qualidades estéticas, originalidade e criatividade. Abordam temas diversificados da atualidade, redefinindo posições dentro da sociedade, com reflexões sobre o papel da mulher, do homem, do negro, da criança, do índio, etc.

Depois de conhecer um pouco sobre a história desta escritora, faremos um estudo de quatro livros que fazem parte de sua obra dedicada ao público infante juvenil: *História Meio ao Contrário* (2010), *A princesa que Escolhia* (2012), *Beijos mágicos* (2007) e *Abrindo Caminho* (2004). Estes livros foram escolhidos por apresentarem uma característica marcante das obras desta escritora: A intertextualidade. Neste caso em especial com os clássicos da literatura, os contos de fadas, e no livro *Abrindo Caminho*, com o poema “No meio do Caminho”¹, de Carlos Drummond de Andrade e a famosa canção “Águas de Março”², composta pelo compositor, Antônio Carlos Jobim. Iniciemos nosso estudo seguindo a ordem das obras relacionadas acima.

1 -Do imaginário para o real: uma relação intertextual

Quando falamos em intertextualidade, de uma forma objetiva, nos referimos a relação entre diferentes textos e linguagens. Ampliando um pouco mais temos a intertextualidade como uma forma de representação da metalinguagem, observe o conceito criado por Chalhoub (1997).

É metalinguagem uma leitura relacional, isto é, mantém relações de pertença porque implica sistema de signos de um mesmo conjunto onde as referências apontam para si próprias, e permite também, estruturar explicativamente a descrição de um objeto. A extensão do conceito de metalinguagem liga-se, portanto, à ideia de leitura relacional, equação, referências recíprocas de um sistema de signos, de linguagem. (SHALHUB, 1997, p. 8)

Ana Maria Machado, como boa leitora, antes de escritora, faz uma releitura dos contos de fadas misturando temas da atualidade aos clássicos; a mistura do maravilhoso com a realidade, a originalidade da linguagem marcada pela ruptura, as invenções e reinvenções mostram o potencial artístico desta escritora e suas obras. Compagnon (1996) afirma que escrever é sempre reescrever, pois une o processo de leitura e escrita.

O trabalho da escrita é uma rescrita já que se trata de converter elementos separados e descontínuos em um todo contínuo e coerente, de juntá-los, de compreendê-los (de tomá-los juntos), isto é, de lê-los: não é sempre assim? Reescrever, reproduzir um texto a partir de suas iscas, é organizá-las ou associá-las, fazer as ligações ou as transições que se impõem entre os

¹ O poema “No Meio do Caminho” faz parte da do livro : *Alguma Poesia*, escrito por Drummond em 1930

² Canção escrita pelo grande compositor Antonio Carlos Jobim, A canção foi lançada, como faixa 1, do [LP Matita Perê](#), em 1972.

elementos postos em presença um do outro: toda escrita é colagem e glosa, citação e comentário. (COMPAGNON, 1996, p.29)

Esse processo de reescrita, de reinvenção, de “mostrar as iscas” utilizadas por ela em seus textos é feita com maestria em suas obras.

Iniciaremos com a análise do livro *História Meio ao Contrário*, o segundo livro infantil, da autora, que lhe conferiu o prêmio João de Barro. A escritora retoma personagens tradicionais dos clássicos infantis: príncipe, princesa, rei e rainha, porém com uma nova roupagem que parodia o autoritarismo patriarcal, rompendo com as narrativas tradicionais direcionadas às crianças. Uma narrativa descontraída com um texto carnavalizado.

A história começa pelo fim, justificando o título: “E então se casaram, tiveram uma filha linda como um raio de sol e viveram felizes para sempre...”. Ana Maria Machado, “pega o gancho” desta frase para conversar com o pequeno leitor – uma espécie de prefácio, que interrompe o início da narrativa - afirmando que a história dos filhos começa com a história dos pais e retoma um pouco da importância da tradição oral repassada pelos índios através dos mais velhos, que contavam sobre seus antepassados. E chega a atualidade dizendo que as pessoas não ligam mais para isso.

E questiona:

Você sabe a história de seus pais?

E dos seus avós?

E dos seus bisavós? Eu também não sei muito, não. Mas quando não sei invento. Gosto muito de inventar coisas. Por isso não sou muito boa contadeira de histórias. Fico misturando as coisas que aconteceram com as inventadas. E quando começo a conversar vou lembrando de outros assuntos, e misturando mais ainda. Fica uma história grande e principal toda cheia de historinhas pequenas penduradas nela. Tem gente que gosta, acha divertido. Tem gente que só quer saber de histórias muito exatas e muito bem arrumadinhas – então é melhor mudar de história, porque esta aqui é meio atrapalhada mesmo e toda ao contrário. (MACHADO, 2010, p.7)

Essa fala da autora mostra muito bem o estilo de suas obras, uma das características marcantes do seu estilo, a intertextualidade, às vezes sutil, outras escancaradas para que o leitor perceba sua releitura, essa mistura que a própria autora afirma que faz. Neste caso, a escritora faz uma analogia de sua obra com a árvore genealógica (ilustração sugerida nesta página), a história dos antepassados que vai sendo construída até chegar a atualidade, uma história central, cheia de pequenas histórias que vão surgindo ao longo da narrativa.

Depois dessa introdução inicia-se a na narrativa, com a história de um rei que nunca tinha reparado no dia, na beleza do sol e das cores que ele irradia. Ficou fascinado, achando

tudo tão diferente, que deixou de lado a rotina real, dentro do castelo. Quando chegou a noite ele ficou furiosíssimo, pois pensava que alguém havia roubado o dia e queria que achassem e punissem o ladrão. Observem que o rei, símbolo do patriarcalismo, tradicionalismo, é infantilizado, ingênuo, encaixando-se no contexto dos contrários.

O primeiro ministro, um personagem importante nesta história, pois é ele que tenta manter a ordem dos fatos e manter esse pensamento infantilizado do rei, afirma que esse roubo sempre acontece e que nunca havia dito para o rei e nem para a família real, pois não queria estragar o “felizes para sempre” da família, com preocupações. Mandou chamar o povo para descobrir quem havia roubado o dia. Como ninguém se manifestou, o primeiro ministro explicou que um terrível dragão negro de um olho só assolava diariamente o reino, roubava o dia e quando se cansava devolvia o sol. A princesa, pela descrição metafórica da noite como um dragão, ficava encantada imaginando como seria: “- Deve ser lindo!” – suspirou a princesa. – Cale a Boca, menina! – ralhou a rainha.” (MACHADO, 2110, p.23)

Como em todo conto de fadas, aparece o herói, o príncipe em seu cavalo branco, que não era encantado, mas era encantador aos olhos da pastora (símbolo de beleza nesta história), veio para derrotar o dragão, devolver o dia e se casar com a princesa, pois não tinha mais nada para fazer. Os moradores da aldeia não queriam que derrotasse o dragão, foram pedir ajuda para o gigante adormecido. Ele os ajudou, fazendo crescer a mata para dificultar o trabalho do príncipe. Quando escureceu apareceu o dragão com seu olho radiante, redondo, brilhante. O príncipe lutando para se livrar da vegetação, vê a beleza da pastora iluminada pela luz da lua e se apaixona. O rei, que não conhecia a noite, se encanta e desiste de acabar com ela.

Esse relato foi propositalmente elaborado para mostra o que a autora afirma no início: as várias histórias pequenas que se unem em volta da história principal. A intertextualidade com os contos de fadas e seus personagens, que não são nomeados, a carnavalização, marcada pela comicidade do texto que mostra um rei que desconhece o mundo exterior (o dia e a noite) e tem atitudes infantis, rompendo com o tradicional dos textos clássicos.

Outros personagens também se transformam, adquirindo características diferentes dos personagens tradicionais dos contos de fadas: o corajoso príncipe em seu cavalo branco, que se converte a um simples vaqueiro para conquistar o amor da pastora. A pastora que é mais bela que a princesa. A princesa que não quer se casar com o príncipe, deseja conhecer o mundo além das paredes do castelo:

- Meu real pai, peço desculpas. Mas se o casamento é meu, quem resolve sou eu. Só caso com quem eu quiser e quando quiser. O príncipe é muito

simpático, valente, tudo isso. Mas nós nunca conversamos direito. E eu ainda quero conhecer o mundo. Até hoje eu nem sabia que o sol voltava todo dia tão bonito. Tem muita coisa que eu quero saber. Isso de ficar a vida inteira fechada num castelo é muito bonito, mas eu vi que aqui fora, nesses campos e nesses bosques, tem muita coisa mais. Não quero me casar agora. (MACHADO, 2010, p.44)

A mistura do maravilhoso com a realidade, que remete a temas da atualidade, presente na rebelião dos camponeses; no povo, que luta por seus direitos e buscam ajuda do gigante adormecido, para que permaneça a noite e possam descansar; a questão da luta de classes (povo/rei), atitudes que não existiam nos contos de fadas tradicionais. Como afirma Góes (1991), esta história é uma paródia aos contos de fadas.

As personagens caricaturadas parodiam os reis e rainhas dos contos de fadas, e toda evolução da trama desfigura a luta entre o bem e o mal e o final feliz dos contos. O conflito é visto de uma ótica satírica e cômica que o ameniza e o anula; há a “transformação” mesmo, tornando-se o dia e a noite uma descoberta para o rei, que modifica sua visão do mundo e de si mesmo, transformação que acontece com todos os personagens. (GÓES, 1991, p.143)

Percebemos a intertextualidade também, nas “historinhas pequenas” que existem dentro da História Meio ao Contrário. A lenda de São Jorge e o Dragão aparecem indiretamente na representação do príncipe, que vem com sua armadura para combater o dragão que rouba o dia e que terá como recompensa a mão da princesa. Existem várias versões da lenda de São Jorge, o santo que pregava a fé cristã e que é cultuado como padroeiro em diversas partes do mundo, inclusive na cidade do Rio de Janeiro, extraoficialmente, pois o título de padroeiro da cidade é conferido a São Sebastião. Segundo a lenda o guerreiro que disseminava a fé em Jesus Cristo, salvou a princesa do sacrifício oferecido ao dragão que aterrorizava a região, ficando lhe a espada no pescoço.

Outra história retomada neste livro é a lenda do gigante adormecido, que aparece na história de Ana Maria Machado como o gigante dorminhoco, que acorda, mas não se levanta, que com seus poderes mágicos que controlam a natureza, consegue ajudar o povo da aldeia, dificultando o caminho do príncipe guerreiro para que ele não conseguisse chegar ao dragão.

E assim fizeram os planos. E o gigante suou orvalho que evaporou para virar nuvens. E as nuvens choveram água no alto dos montes para engrossar os riachos. E as sementes que os homens plantaram viraram grama e capim, espinhos e mato, árvores e cipós. E toda essa mata produziu flores e frutos que atraíram passarões e animais de pêlo e de pele. Para os homens, todas essas coisas levam tempo. Para o gigante, não. (MACHADO, 2010, p.34)

Existem vários mitos que permeiam essa história do gigante adormecido da cidade do Rio de Janeiro, que forma o complexo denominado de "O Gigante Adormecido na Baía de Guanabara". Observado de longe é possível visualizar uma figura humana deitada de perfil. A cabeça é formada pela pedra da Gávea e o Pão de Açúcar aparenta os pés do gigante. Algumas lendas indígenas relatam a história de um índio gigante, guardião da natureza e dos índios, que protegia as tribos das maldades dos colonizadores e acabou sendo morto por eles.



<http://trasformandovidas.blogspot.com.br/2013/04/no-dia-do-indio-lenda-do-gigante.html>

Observamos a relação intertextual, as várias histórias que se unem para dar sentido ao novo texto, transformando-os. Como afirma Fiorim (1994): “A intertextualidade é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo.” (FIORIM, 1994, p.30). Na História Meio ao Contrário de Ana Maria Machado, percebemos vários textos que se cruzam, ganhando novo sentido e contexto.

O universo mágico dos contos de fadas, também está presente na história: A Princesa que Escolhia. Uma princesa, que como todas as outras, sempre dizia: “- Sim”. Até que um dia resolveu dizer: “- Desculpe, mas acho que não.” (MACHADO, 2012, P.12). Essa resposta causou muito espanto por parte de seus pais, o rei e a rainha, por isso a pequena princesa recebeu um castigo de ficar em uma torre até voltar a ficar “boazinha”. O que era para ser um castigo, acabou se tornando um momento de sorte. A princesinha conheceu um universo que ia muito além das paredes do castelo, de lá ela podia ver a vila, os bosques, os navios no mar, os jardins, sem contar que naquela torre tinha tudo que ela gostava e precisava: livros deixados por um mago que lá viveu, internet, televisão, amigos (os filhos do jardineiro), etc.

Em suas pesquisas, descobriu a cura de uma epidemia que assolava o reino, uma febre causada por um mosquito. Falou para o pai o que precisava ser feito e foi liberada do castigo. Desse dia em diante, ela podia sempre escolher o que achava melhor.

Nesta história, continuamos com personagens clássicos dos contos de fadas: rei, rainha, princesa, etc, porém, com uma “roupagem nova”, uma versão modernizada, próxima do real. A princesa foi estudar na escola, depois na universidade, trabalhou e se casou.

Estudou, viajou, aprendeu um monte de coisas. Foi para uma universidade e virou arquiteta. Depois resolveu estudar ainda mais, umas coisas de nome comprido: urbanismo e habitação popular. Quer dizer, como fazer casas baratas para as pessoas.(MACHADO, 2012, P.35)

O processo de reinvenção que retoma o universo fantástico dos contos de fadas, que agrada gerações e facilita a criança na compreensão dos valores humanos e sociais, fazem com que ela perceba e assimile as dicotomias bem e mal; feio e bonito; forte e fraco; etc, de uma forma mais natural. O herói enfrenta dificuldades, mas é capaz de mudar seu destino. Essas situações de coragem e otimismo fazem com que o pequeno leitor se identifique e estimula uma visão crítica de si e da sociedade que o cerca. Como afirma Coelho (1991):

Lembra a psicanálise que a criança é levada a se identificar com o herói bom e belo, não devido a sua bondade e beleza, mas por sentir nele a própria personificação dos seus problemas infantis: se inconsciente desejo de bondade e de beleza e, principalmente, sua necessidade de segurança e proteção. Identificada com os heróis e heroínas do mundo do maravilhoso, a criança é levada, inconscientemente, a resolver sua própria situação – superando o medo que a inibe e ajudando-a a enfrentar os perigos e ameaças que sente à sua volta e assim, gradativamente, poder alcançar o equilíbrio adulto. (COELHO, 1991, p.51)

Essa narrativa remete a vários temas da atualidade, tais como: a epidemia de dengue - que é hoje um problema de saúde pública no Brasil - o oferecimento de drogas e cigarros na escola; o direito de escolher quem governa através das eleições; o modismo; a emancipação feminina, uma característica marcante em suas obras, inclusive em boa parte dos seus romances.

Quando o rei disse que era hora de se casar, a princesa disse que queria escolher. Entre os príncipes que se candidataram, acabou escolhendo um pretendente com perfil para as princesas dos livros que tinha lido, mas não quis se casar naquele momento, assim como a princesa da História meio ao Contrário, ela preferiu conhecer o mundo primeiro, foi estudar, viajar e depois acabou se casando com o filho do jardineiro, que reencontrou na faculdade.

O segundo pretendente conversava muito sobre a criação de gado, fabricação de couro e exportação de calçados. Ela achou que ele deveria ser bom para

experimental sapatinhos e escolheu uma boa noiva para ele. E daí a pouco tempo estava casado com uma tal de Cinderela. (MACHADO, 2012, p.31)

Ana Maria Machado faz referência a várias histórias através da representação das princesas, protagonistas de várias histórias: Rapunzel, Cinderela, Branca de neve, Bela adormecida. Ela misturando os clássicos com a atualidade. O “Barba Azul” também apareceu como pretendente para se casar com a princesa, ela se lembrou da história dele e chamou a polícia. “Ela olhou bem para a cara dele, com aquela barba azulada, pensou, lembrou de muitas coisas que tinha lido... e chamou a polícia.” (MACHADO, 2012, p. 32) A intertextualidade através da citação de histórias e personagens dos clássicos, que nestas histórias parecem tão atuais, que permitem a visualização do problema e oferecem soluções para dificuldades, como na vida real.

Nos contos de fadas o mal é tão onipresente quanto a virtude. Na vida também, e no homem as propensões para o bem e o mal também. E esta dualidade coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo. A forma e a estrutura dos contos de fadas, sugerem imagens às crianças com as quais elas podem estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida. (GOES, 1991, p.120)

Uma princesinha que consegue resolver os problemas do reino e após a morte do pai, traz soluções democráticas para que todos vivessem felizes, propõe o parlamentarismo e as eleições, para que as decisões não ficassem nas mãos de uma pessoa só. Desta forma ela escolheu viver feliz com o filho do jardineiro.

2- Do real ao imaginário

O livro Beijos Mágicos, nos remete a um tema recorrente da atualidade, o contexto de uma criança diante da separação dos pais. Temos como protagonista, a personagem Nanda, que vivia com o pai e a avó e passava os finais de semana com a mãe. Os pais “resolveram que para serem felizes para sempre, era melhor não ficarem juntos” (MACHADO, 2007, p.6). Os cuidados do pai, os beijos “mágicos” da mãe, faziam com que ela se sentisse feliz.

Nessa narrativa, não temos mais uma princesa que vivia no universo fantástico dos contos de fadas, mas sim uma criança que se imaginava nesse universo e associava os acontecimentos da sua vida e rotina, às histórias que ouvia do pai.

Muitas vezes, parecia até que ela era uma daquelas princesas das histórias que o pai contava.
Branca de Neve, ajudando a cuidar da casa dos anões.
Rapunzel, penteando os cabelos para esperar o príncipe.
Cinderela, dançando a noite toda com o príncipe, mas tendo que se deitar no melhor da festa.
A Bela Adormecida, acordando com beijo de príncipe.
E o príncipe era muito bonito e carinhoso, assim meio parecido com o pai dela. Com quem ela vivia feliz para sempre. (MACHADO, 2007, p.7)

No desenrolar da trama, essa situação muda, o comportamento do pai se torna diferente, ele começa a dividir a atenção com outra pessoa, Bebel, uma amiga que se torna namorada. Nanda começa a associá-la a uma bruxa, seu comportamento, comida e beijos pareciam enfeitiçar o pai. A mãe tentou tranquilizá-la dizendo que também tinha um namorado e que ela não precisava se preocupar, mas no imaginário da pequena protagonista, a mãe também tinha sido enfeitiçada pela “bruxa Bebel”.

O pai se casa e para “piorar as coisas”, a namorada se transforma em madrasta. A mãe também se casa e Nanda vai morar com a mãe e o padrasto e nos finais de semana, ficava na casa do pai. Sempre resistente aos carinhos da madrasta, que fazia tudo para agradá-la.

Com a chegada de um irmãozinho tudo muda e a menina, feliz, aceita o carinho da madrasta e como ela, passa a encantar a todos com seus beijos mágicos.

Ana Maria Machado, neste livro, parte do real para o imaginário, diferente das histórias citadas anteriormente. De uma forma descontraída, ela aborda o tema da separação dos pais, um tema delicado e muitas vezes de difícil aceitação e abordagem para as crianças. A autora, através de uma linguagem simples, consegue fazer essa relação, real e imaginário, sem perder o foco do leitor, que por sua vez, consegue entender essa situação e identificar possíveis soluções para um problema, que de complicado, passa a ser entendido e resolvido de uma forma mais simples. Segundo Bettelheim (2006), os contos de fadas podem auxiliar na resolução de problemas interiores dos seres humanos, alguns conflitos infantis, pressões internas, podem ser superadas.

Com isto a criança adéqua o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que, ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e a estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida.(BETTELHEIM, 2006, p.16)

Nesta narrativa, Ana Maria Machado, faz um percurso diferente, ela não trata de reis rainhas e princesas, a intertextualidade acontece de uma maneira indireta. Partimos de um contexto que faz parte do cotidiano de diversas crianças, que através do imaginário infantil, remete ao universo mágico dos contos de fadas. As leituras que o pai fazia para a menina todas as noites, antes de dormir, parecem reais, os personagens dos contos de fadas se personificam nas pessoas que fazem parte da sua realidade. O lúdico que se constrói no universo literário, se mistura ao real, como afirma Coelho (1991).

A literatura híbrida parte do real e nele introduz o imaginário ou a fantasia, anulando os limites entre um e outro. É, talvez, a mais fecunda das diretrizes inovadoras. O universo por ela criados se inserem na linha do Realismo Mágico, tão em voga na literatura contemporânea. Comumente o seu espaço básico é o próprio cotidiano, bem familiar às crianças, onde de repente entra, de maneira natural, o estranho, o mágico, o insólito...é a linha inaugurada entre nós por Monteiro Lobato e que os novos escritores enriqueceram com descobertas inesperadas. (COELHO, 1991, p. 265-266)

3 – Abrindo caminhos entre o poema e a canção

A autora inspirada na música “Águas de Março” composta por Antônio Carlos Jobim(a quem o livro é dedicado) e no poema “Meio do Caminho” de Carlos Drummond de Andrade, ela constrói essa história fazendo referência a grandes nomes da nossa literatura, música e história, de uma forma inovadora, mesclando poema e música.

Ela inicia com o ritmo do poema “Pedra no Caminho” de Carlos Drummond de Andrade: “No meio do Caminho de Dante, tinha uma selva escura. No meio do caminho de Carlos tinha uma pedra. No meio do caminho de Tom tinha um rio.” (MACHADO, 2004, p.1-3)

Uma paródia ao poema “No meio do Caminho” de Carlos Drummond de Andrade, os personagens inicialmente citados, são: Dante, Carlos e Tom, uma referência aos poetas Dante Alighieri e Carlos Drummond de Andrade e ao maestro Tom Jobim. Em seguida a autora cita um trecho da música “Águas de Março”, composta por Tom Jobim e Vinícius de Moraes:

“É pau.

É pedra.

Era o fim do caminho?” (MACHADO, 2004, p.4)

A citação redimensiona o poema para o contexto de cada um desses “personagens”. A selva escura no caminho Dante, o criador da “Divina Comédia” com o inferno e seus níveis de escuridão, mas que consegue alcançar a luz das estrelas; a “Pedra no caminho” de Carlos Drummond de Andrade, o escritor do poema parodiado e, um rio no caminho de Tom, que

poderia ter um duplo sentido neste contexto, tanto o rio, curso d'água, quanto o Rio de Janeiro tema de grande parte das suas composições. Todos no sentido de obstáculos, barreiras, mas ela vai além, recriando, parodiando, rerepresentando o poema de Drummond, abrindo novos caminhos com esse livro. Como podemos observar no trecho abaixo

“No meio do caminho de Cris tinha um oceano.

No meio do caminho de Marco tinha inimigo e deserto.

E tinha muita lonjura no caminho de Alberto.” ((MACHADO, 2004, p.15-18)

Os personagens citados acima, fazem parte da história da evolução da humanidade. Cris, Cristóvão Colombo, um grande navegador e explorador, que com suas grandes embarcações, tinha o objetivo de conquistar as Índias e acabou descobrindo a América,; Marco, Marco Polo, também explorador e mercador que percorreu o Oriente com suas caravanas, viajaram pela China, pelo deserto de Lut e tantos outros lugares. E finalmente, Aberto, Alberto Santos Dumont, um dos primeiros a inventar o avião e vários modelos de balões, reconhecido mundialmente por suas invenções (especialmente o 14 Bis) , diminuindo as distâncias por meio da aviação.

O refrão da música de Tom Jobim, continua: “Era pau. Era pedra. Era o fim do caminho?” No texto original, não existe esse questionamento, mas sim uma afirmação. Essa interrogação necessita de uma resposta. O narrador questiona o leitor, sugerindo um certo suspense, que se desenrola na página seguinte: A “pedra que faz fortaleza, faz também mercado, bazar” foi o que fez Marco Polo em suas viagens. Pau, “- Faz navio de navegar! Mastro firme, branca vela, tronco agora é caravela para distância encurtar.” (MACHADO, 2004, P.23). Não era o fim do caminho, era o início: “Alberto pôs na cabeça que ia conseguir voar. Voou, dirigiu seu vôo, era isso o avião! E desde então a lonjura não atrapalhou mais, não.” (MACHADO, 2004, P.26)

Ana Maria Machado, finaliza essa prosa poética com uma perspectiva nova para quem tem sonhos e luta, persiste, corre atrás. Os obstáculos, pau, pedra, não finalizam o caminho, abrem para novas possibilidades, muito bem exemplificados e escolhidos pela autora, como exemplos de superação, persistência e coragem. Essa “história canção”, termina com a estrofe final da canção de Tom Jobim: ‘ É promessa de vida no meu coração’, mostrando que pedra pode ser caminho, o fim pode ser o começo, e que todos são capazes de alcançar seus objetivos e vencer os obstáculos.

Observe que nessa reapresentação do poema de Drummond, Ana Maria Machado, constrói uma prosa poética, com um novo sentido, o que antes era um obstáculo se transformou em novas possibilidades, como afirma Sant'Ana (1998) não é simplesmente algo que se está apresentando, mas aquilo que veio na consciência do autor no momento de recriação, trazendo informações que estavam ocultas na sua consciência, liberando certas tensões recalçadas.

Ora, o que o texto parodístico faz é exatamente uma reapresentação daquilo que havia sido recalçado, Uma nova e diferente maneira de ler o convencional. É um processo de liberação do discurso. É uma tomada de consciência crítica. (SANT'ANA, 1998, P.31)

A escritora se apropria dos textos de Drummond e Jobim com maestria e parte deles para criar um universo novo: “No meio do meu caminho tem coisa de que não gosto. Cerca, muro, grade tem. No meio do seu, apostado, tem muita pedra também. Pedra? Ou ovo? Fim do caminho? Ou caminho novo? (MACHADO, 2004, p.27). O poder da linguagem, a relação entre o fenômeno e o sentido, o que está oculto nas palavras, como afirma Compagnon (1996):

A questão “O que ele quer?” parece ser a única que convém à citação: ela supõe na verdade, que uma outra pessoa se apodere da palavra e a aplique a outra coisa, porque deseja dizer alguma coisa diferente. O mesmo objeto, a mesma palavra muda de sentido segundo a força que se apropria dela: ela tem tanto sentido quantas são as forças suscetíveis de se apoderar dela. O sentido da citação seria, pois, a relação instantânea da coisa com a força real que a impulsiona. (COMPAGNON, 2004, p.35)

4 - Finalizando essa história

Nas três primeiras histórias analisadas, pudemos observar o trabalho de reinvenção dos contos de fadas, uma das características da literatura infanto juvenil contemporânea, que retoma os clássicos para contestá-los, inová-los, questioná-los. O conto de fadas enquanto gênero original, representa a tradição que sujeita a criança a internalizar padrões de comportamento valorizados pela sociedade. Por isso, a crítica ao autoritarismo, ao patriarcalismo, dão lugar a emancipação feminina, a modernização, com assuntos diversos da nossa atualidade, desta forma, o leitor é conduzido ao imaginário que remete ao real. O

valor do tradicional é relativizado, em comparação ao moderno, aos valores atuais, propondo novas reflexões e novas experiências artísticas, através da literatura.

Literatura é antes de tudo arte da palavra, por isso a escolha do livro para a criança, não é uma tarefa fácil, temos hoje um mercado editorial vastíssimo, muitas editoras, trabalho gráfico com alta tecnologia, mas, muitos destes livros disponibilizados no mercado, são inconsistentes, belas imagens e pouco ou nenhum valor estético, literário. Existem adaptações resumidíssimas dos contos de fadas, que mutilam a história, fazendo com que esta perca o sentido e a essência.

Para um livro ser considerado renovador ou atualizado, literalmente, não basta que utilize em sua efabulação temas ou problemas vitais desta nossa sociedade em transformação. É preciso mais: que tal contexto “ideológico” quando existir se transfigure em arte. (COELHO, 1991, p. 267)

A escola é um espaço privilegiado para a leitura, para a formação e amadurecimento do indivíduo, através de debates sobre tensões, conflitos, preconceitos, possibilitando a formação de um indivíduo mais crítico e mais “humano”, para enfrentar as dificuldades e barreiras que a sociedade oferece.

A literatura infanto juvenil desempenha um importante papel nesse processo, pois através da linguagem literária, com seu caráter simbólico, contribui para a promoção de reflexões, acerca do próprio indivíduo, do outro, da sociedade e das diferentes culturas que o envolve.

Que a leitura é importante, todos sabemos: a leitura ajuda o indivíduo a se posicionar no mundo, a compreender a si mesmo e à sua circunstância, a ter suas próprias idéias. Mas a leitura da literatura é ainda mais importante: ela colabora para o fortalecimento do imaginário de uma pessoa, e é com a imaginação que solucionamos problemas. Com efeito, resolvem-se dificuldades quando recorremos à criatividade, que, aliada à inteligência, oferece alternativas de ação. (ZILBERMAN, 2008, p.18)

Nas narrativas de Ana Maria, encontramos a releitura dos contos de fadas com personagens rebeldes e criativos, temas atuais, o humor que agrada a todos, o desejo de mudar, a leitura e escrita que define o processo intertextual. A linguagem, o processo ficcional na consciência do fazer literário, enfim, qualidades estéticas que partem do prazer do texto e levam a emancipação do leitor, através do desenvolvimento intelectual, cultural e humano.

Referências Bibliográficas

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo: Editora da USP, 1994.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CAMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.
- CHALHUB, Samira. **A meta-linguagem**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. **Literatura infantil: Teoria-Análise-Didática**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 15. ed. São Paulo: 1995.
- FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.) **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo: Editora da USP, 1994. p.30-43
- GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- MACHADO, Ana Maria. **Beijos Mágicos**. São Paulo: FTD, 2007.
- _____. **História meio ao contrário**. 26. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- _____. **Abrindo Caminho**. São Paulo: Ática, 2004.
- _____. **A princesa que escolhia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- _____. **Esta força estranha: trajetória de uma autora**. São Paulo: Anual, 1996.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, Paráfrase e Cia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

ZILBERMAN, Regina. A leitura da literatura infantil brasileira. In: DEBUS, Elaine (org.). **A literatura infantil e juvenil de língua portuguesa: leituras do Brasil e D'Além-Mar**. Blumenau: Nova Letra, 2008. p. 13-18.

_____. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.